

Dengue derruba turismo do Rio

Epidemia reduziu a ocupação dos hotéis em 20%

A rede hoteleira do Rio já sente os primeiros sintomas da epidemia de dengue. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH), as reservas estão 20% abaixo do que o esperado para o feriado de Tiradentes, no dia 21 de abril. A redução das filas nos hospitais, com a chegada de mais médicos para o atendimento aos pacientes, não

deverá alterar esse quadro. Para o setor turístico, o contágio é mais lento porque a imagem da cidade vai sendo afetada aos poucos no exterior e nos outros Estados. Um exemplo é o cancelamento de pelo menos dois eventos de negócios. A doença também atingiu a capacidade produtiva: pelo menos 15 mil pessoas deixaram de trabalhar.



>> DESPERDÍCIO – A tenda (estadual) de hidratação da Gávea, recém-aberta, ficou vazia ontem, com servidores sem terem o que fazer. Perto dali, no Hospital Miguel Couto (municipal), a espera por atendimento para pacientes com suspeita de dengue levava mais de três horas.

Turismo no Rio já começa a sentir sintomas da dengue

Total de reservas em hotéis da cidade está 20% menor do que o esperado

Renata Vical
Sabrina Lorenzi

Os efeitos da epidemia de dengue no Rio, que já chegou ao exterior e contaminou dois turistas portugueses, começam a aparecer nas estatísticas da economia carioca. O total de reservas em hotéis do Rio está 20% menor do que o esperado para o próximo feriado, dia de Tiradentes. No emprego, o número de trabalhadores infectados pela doença é comparável, em média, a um segmento inteiro da indústria fluminense. A Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH) revelou que as reservas feitas até esta semana indicam ocupação de 45% nos hotéis da cidade para o dia 21.

— Esse percentual estaria hoje, em condições normais, de 52% a 55% — afirmou o presidente da entidade, Alfredo Lopes.

O que preocupa representantes de hotéis como Windsor e Sheraton é que esse quadro tende a se agravar, apesar de as filas nos hospitais terem diminuído nos últimos dias — com a chegada de mais médicos e, finalmente, investimentos

das autoridades. É que o contágio da doença no turismo é tardio.

— Estamos preocupados mesmo é com o que pode acontecer nos próximos meses, pois a imagem da cidade vai sendo afetada aos poucos, inclusive no Brasil — teme o gerente-geral do Hotel Windsor da Barra da Tijuca, Marcelo Bezerra.

Fuga de eventos

A Barra é dos bairros mais picados pelo mosquito e dois eventos de grandes empresas foram cancelados no estabelecimento, transferidos deste mês para uma data ainda não definida. O hotel já havia perdido um seminário do laboratório Merck. O valor do cancelamento não é revelado, mas outros funcionários do Windsor Barra contam que um evento costuma render até R\$ 2 milhões. O prejuízo pode ter sido de até R\$ 6 milhões portanto. Valores mais conservadores apontam para uma perda de R\$ 4 milhões.

A dengue já mudou a rotina dos hotéis, que estão precisando contratar empresas de dedetização para espantar os mosquitos.

— O hotel está cheio, mas es-

tamos suando a camisa para mostrar para os turistas que o mosquito não entra aqui — diz o recepcionista do Sheraton Barra, Leonardo Domingues.

Até repelente o Sheraton oferece aos hóspedes. No Windsor, o gasto semanal com a contratação do serviço particular de fumacê chega a R\$ 750. Nada para uma rede com faturamento de bilhões.

Silêncio das autoridades

Apesar de nenhuma autoridade do setor arriscar um número para o prejuízo, o mercado é unânime ao afirmar que o impacto já está sendo sentido. A situação se agravou nas duas últimas semanas, quando alguns pacotes foram cancelados.

Procurada pelo **JB**, a ministra do Turismo, Marta Suplicy, não comentou o assunto. A assessoria do órgão disse que o problema da dengue estava sendo resolvido pelo Ministério da Saúde e pelo governo Estadual. O silêncio das autoridades assusta porque 40% dos turistas estrangeiros no país fazem do Rio de Janeiro sua porta de entrada.

O distanciamento da epidemia contaminou também a TurisRio.

Procurada por Sidney Linhares, diretor de operação da agência Del Bianco, que trabalha apenas com a venda de pacotes no exterior, o órgão informou que o problema da dengue era para ser resolvido pelas autoridades da saúde.

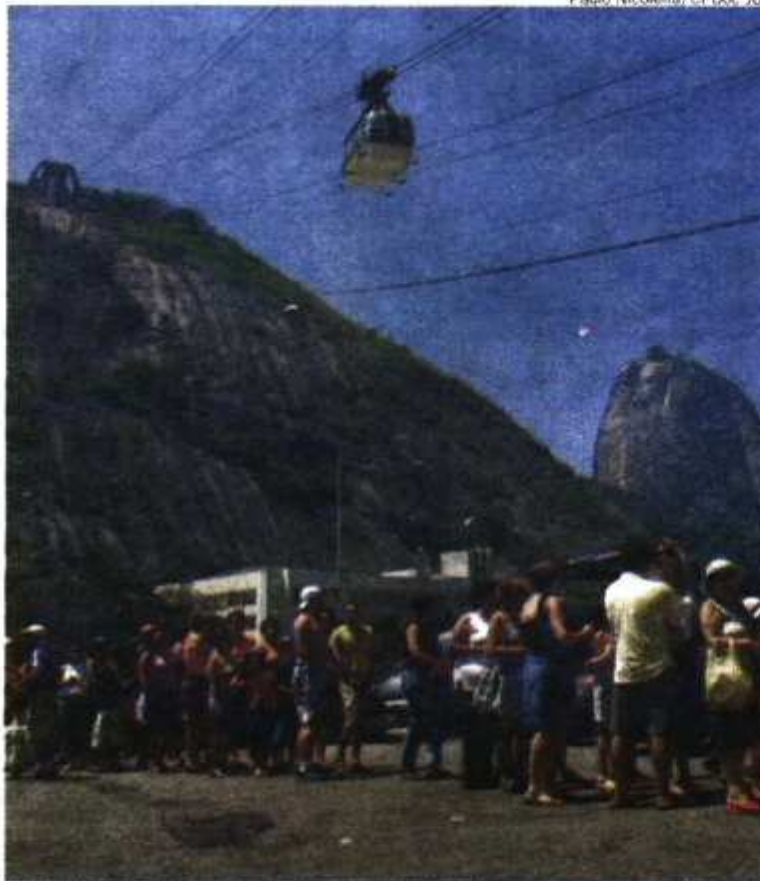
— Procurei a RioTur e me disseram que a dengue não tinha nada a ver com o turismo e que só a secretaria de Saúde poderia resolver — reclamou Linhares. — Cinco pacotes foram cancelados nas duas últimas semanas e já recebi consultas sobre a situação da epidemia de países como Israel e Austrália.

A cegueira parece ser apenas das autoridades brasileiras. Até agora, ministérios das Relações Exteriores e embaixadas de países como EUA, França, Portugal, Uruguai e Itália já emitiram comunicados de alerta sobre a doença. Presidente da Brazilian Incoming Travel Organization (Bitto), Roberto Dutra, confirma que o número de pedidos de informações sobre a dengue estão aumentando.

— As agências dos EUA e Europa estão interessadas na doença. Eles querem tomar as medidas preventivas. Talvez venhamos a interpellar as autoridades.



NO SHERATON – Piscina vazia, apesar dos repelentes oferecidos aos hóspedes



MEDO - Principal entrada de turistas, cidade sofre com doença

“

Estamos suando a camisa para mostrar para os turistas que o mosquito não entra aqui

Leonardo Domingues
Recepcionista do Sheraton Barra

“

As agências dos Estados Unidos e da Europa estão interessadas na doença

Roberto Dultra
Presidente da Bito

Juntos, infectados somam batalhão de trabalhadores

Sabrina Lorenzi

O universo de trabalhadores infectados pela dengue neste ano é da ordem de 15 mil, de acordo com levantamento a partir da última taxa de atividade do Rio apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É gente mais do que suficiente para ocupar, por exemplo, todo segmento de refino ou metalurgia da região metropolitana. O número representa cerca de 0,5% de toda a população ocupada na cidade do Rio - um percentual que assusta especialistas em mercado de trabalho.

- É um absurdo esta taxa. Pode parecer pequeno, mas não é - diz um técnico do IBGE.

O município do Rio possui 2,7 milhões de pessoas trabalhando, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE de fevereiro. O número equivale a 53% do total de pessoas em idade ativa, acima de 10 anos. Se o perfil dos pacientes da dengue seguir a média dos habitantes da cidade, são no mínimo os citados 15 mil trabalhadores. Estão fora desta conta os pacientes com idade de 10 a 20 anos, que não se encaixam na metodologia do IBGE.

Média altíssima

O chefe do Departamento de Estudos Sociais da FGV, Marcelo Neri, avalia que a média de trabalhadores com dengue no Rio é de duas a três vezes maior que

pessoas que deixam de trabalhar com sintomas parecidos em todo o país. Enquanto os trabalhadores com dengue representam 0,5% da população ocupada dos cariocas, doentes com diarreia e vômito representavam 0,2% dos trabalhadores do País.

Até o momento, foram notificados 57.010 casos de dengue no Estado. O último boletim foi divulgado no dia 2 de abril. Foram registrados 15.836 em janeiro, 19.834 em fevereiro, 21.337 em março e 3 em abril. Só o município do Rio é responsável por 65% das vítimas. A faixa etária mais atingida pela dengue é a de 20 e 49 anos, com 49% do total. Oficialmente, a dengue já matou 67 pessoas, mas, na segunda-feira, a secretaria municipal confirmou a morte de mais um menino de seis anos, elevando a estatística para 68. Aliás, as crianças com idade entre zero e 13 anos são as principais vítimas fatais dessa epidemia - já foram contabilizados 33 óbitos. Essa realidade se reflete também no número de internações. Dos 3.956 casos de internação, 53% foram de pacientes menores de 14 anos.

Colaborou Fernanda Thurler

Miguel Couto lotado, tenda vazia

Com a falta de integração, movimento baixo
surpreende pediatras gaúchas na estréia

Carolina Bellei
Janaina Linhares

Apesar da ansiedade para começar o trabalho de combate à dengue no Rio de Janeiro, as duas pediatras do Rio Grande do Sul enviadas à tenda instalada no Instituto de Assistência dos Servidores Públicos do Estado do Rio (Iaserj), na Gávea, não enfrentaram a correria esperada para uma situação de epidemia. No primeiro dia de trabalho de Virginia Nobrega e Carla Leonhardt, apenas dois pacientes, com suspeitas foram atendidos. A unidade deveria dar auxílio ao Hospital Miguel Couto, mas o diálogo entre Prefeitura e Estado parece não estar afinado. Enquanto no centro de hidratação algumas enfermeiras aproveitavam a calma para cochilar, o caos no hospital municipal continuava.

Kelly Pinheiro foi ao Miguel Couto e saiu insatisfeita. Ela ficou indignada ao saber que enquanto mais de 50 pessoas aguardavam por atendimento na instituição municipal, uma tenda recém-inaugurada, a pouco metros dali, estava vazia.

— Cheguei por volta das 16h, três horas depois, saio do hospital sem nem ao menos ter feito exame de sangue. O médico falou para tomar paracetamol e voltar em oito dias — reclama Kelly. — Se tivessem me avisado que havia um local mais vazio, com certeza teria ido. É me-



A POSTOS — Na tenda de hidratação da Gávea, só duas pessoas com suspeita durante todo o dia

lhor do que ficar esperando e não ser devidamente examinada.

Voluntárias se sentem prontas

Mesmo sem casos de dengue em seu Estado, as pediatras de Porto Alegre, acreditam que estão preparadas para ajudar na crise.

— Estou pronta e estudei para isso — afirma Carla, de 27 anos. — Antes de viajarmos, conversei com epi-

demologistas e infectologistas. Além disso, o Ministério da Saúde nos mandou um manual e ontem tivemos aula durante todo dia.

No Méier, a história foi outra. Os médicos, que chegaram de São Paulo, tiveram que abrir o centro de hidratação antes mesmo da chegada do governador Sérgio Cabral. O motivo foi a fila com dezenas de pessoas na porta do Corpo de Bom-

beiros. Os pacientes foram direto ao local, ignorando a solicitação de que deveriam primeiro procurar o Hospital Salgado Filho. Em uma hora, 40 pessoas foram atendidas.

Ontem, mais oito voluntários, do Rio Grande do Sul e Pernambuco, somaram-se aos 87 médicos. Hoje, são esperados três de Alagoas e um do Amapá. Até sexta, todos 99 convocados estarão na cidade.

Governador compara a doença ao tráfico

O governador Sérgio Cabral esteve presente à inauguração das duas tendas no Méier e na Gávea e comparou o combate ao mosquito do *Aedes aegypti* ao tráfico no Rio de Janeiro. Segundo ele, não é normal lutar contra uma epidemia por mais de uma década.

— Da mesma maneira que não podemos tolerar a ocupação das favelas por traficantes de drogas, temos de combater a dengue — afirmou Cabral. — Sou carioca, moro no Rio há 45 anos. Há ao menos 16, em maior ou menor intensidade, temos epidemias de dengue. Não podemos achar isso normal. A doença tem de sair da paisagem do Rio.

O governador anunciou que novas ações devem ser tomadas em uma reunião que acontecerá na sexta-feira, no Maracanãzinho, que deve reunir as três esferas do governo.